

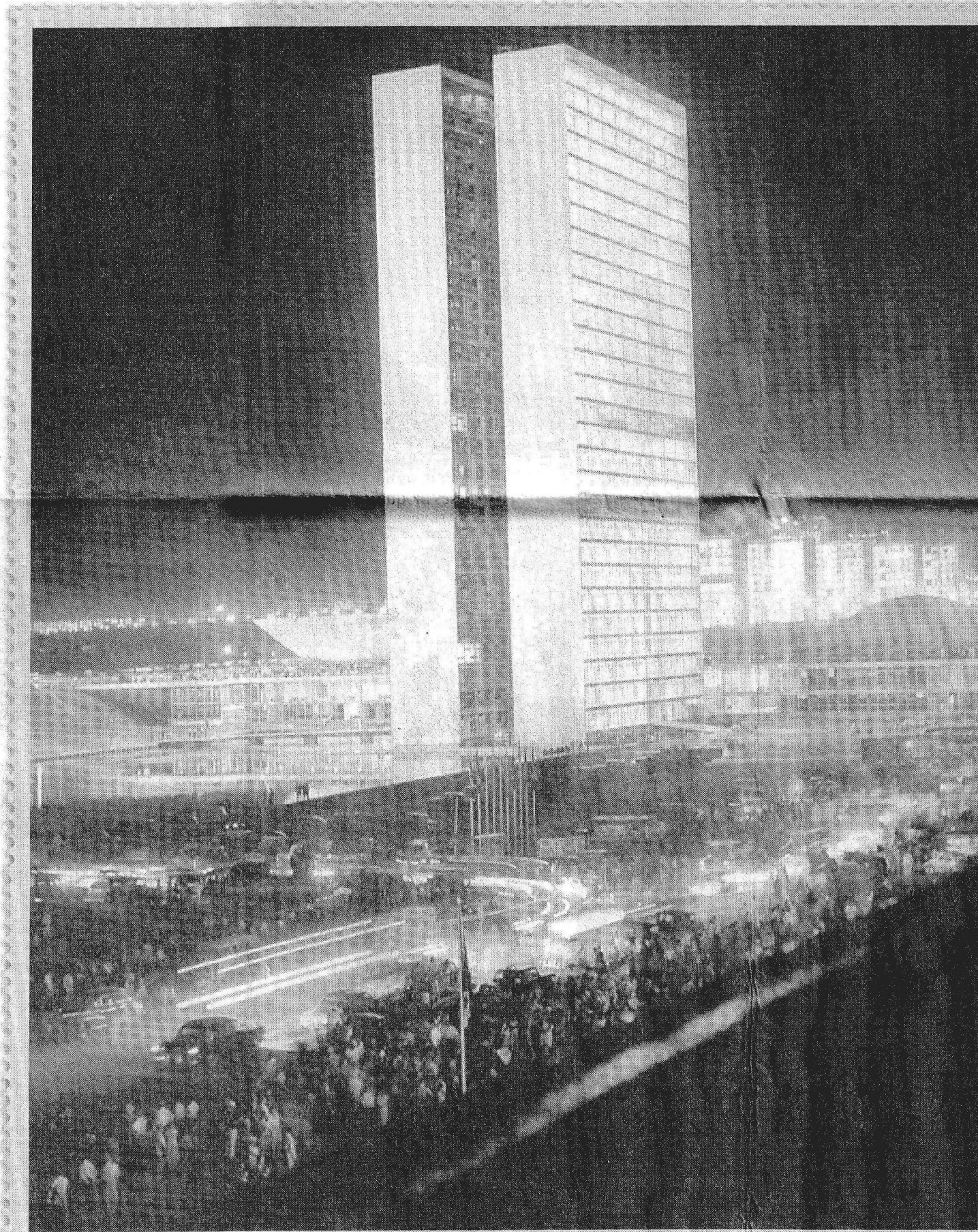
RETRATOS

Livro com fotos inéditas da construção de Brasília mostra a rotina dos aventureiros. O autor, Wolff Jesco von Puttkamer, fez mais de 5 mil fotos da cidade que nascia

DE UMA AVENTURA



SEM ARBORIZAÇÃO E COM POUCOS BLOCOS CONSTRUÍDOS, O EIXÃO PARECIA BEM MAIOR E, DURANTE ALGUNS ANOS, FOI PISTA DE CORRIDA DE CARRO



POUCAS VEZES NESTES 40 ANOS BRÁSILIA ESTEVE TÃO ILUMINADA QUANTO NO DIA DA INAUGURAÇÃO. HOUVE DESFILE E SHOW PIROTÉCNICO

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Há um vazio na memória visual da história de Brasília. São muito poucas as fotografias que registram o cotidiano de quem chegou aqui primeiro. O acervo de pouco mais de 4 mil fotos do Arquivo Público reúne retratos oficiais da aventura no cerrado. Registros das obras e dos criadores da nova capital, mas quase nada da labuta dos operários, da improvisação dos acampamentos, da vida dos que desciam do pau-de-arara com uma muda de roupa e esperança de vencer na vida.

Entre os que vieram com mais de uma muda de roupa estava o fotógrafo Wolff Jesco von Puttkamer, brasileiro apesar do nome, morto em 1994. Veio a convite do engenheiro Bernardo Sayão para trabalhar no Departamento de Relações Públicas da Novacap. Sabia falar inglês, francês e alemão, predicado ideal para receber estrangeiros convidados por Juscelino Kubitschek para conhecer a obra audaciosa.

Nos dois anos passados aqui, entre 1958 e 1960, Jesco gastou perto de cinco mil fotogramas — mais que todo o acervo do Arquivo Público. E o fez com o cuidado de voltar a lente para o dia-a-dia do povo como as duas mulheres bem-vestidas, uma de salto alto, vestido acinturado e colar, que garbosamente andavam pela Esplanada ainda sem asfalto. Ou as outras duas que compravam repolho numa venda de madeira, de número 46 de uma rua da Cidade Livre. Pena que Jesco não tenha deixado diário de campo, como o fez nas tantas expedições com os irmãos Villas Boas para documentar as frentes de atração de tribos até então não contactadas pelo homem branco.

Das quase 5 mil fotos dos primeiros tempos da nova capital, 276 estão no livro *Brasília sob o olhar de Jesco*, lançado na semana passada, em Goiânia. É lá, na Universidade Católica de Goiás, que está o acervo de Jesco, composto por 43 mil fotogramas, a maioria dos índios da Amazônia. Foi a UCG, em convênio com a Fundação Assis Chateaubriand, quem editou a obra.

ção Assis Chateaubriand, quem editou a obra.

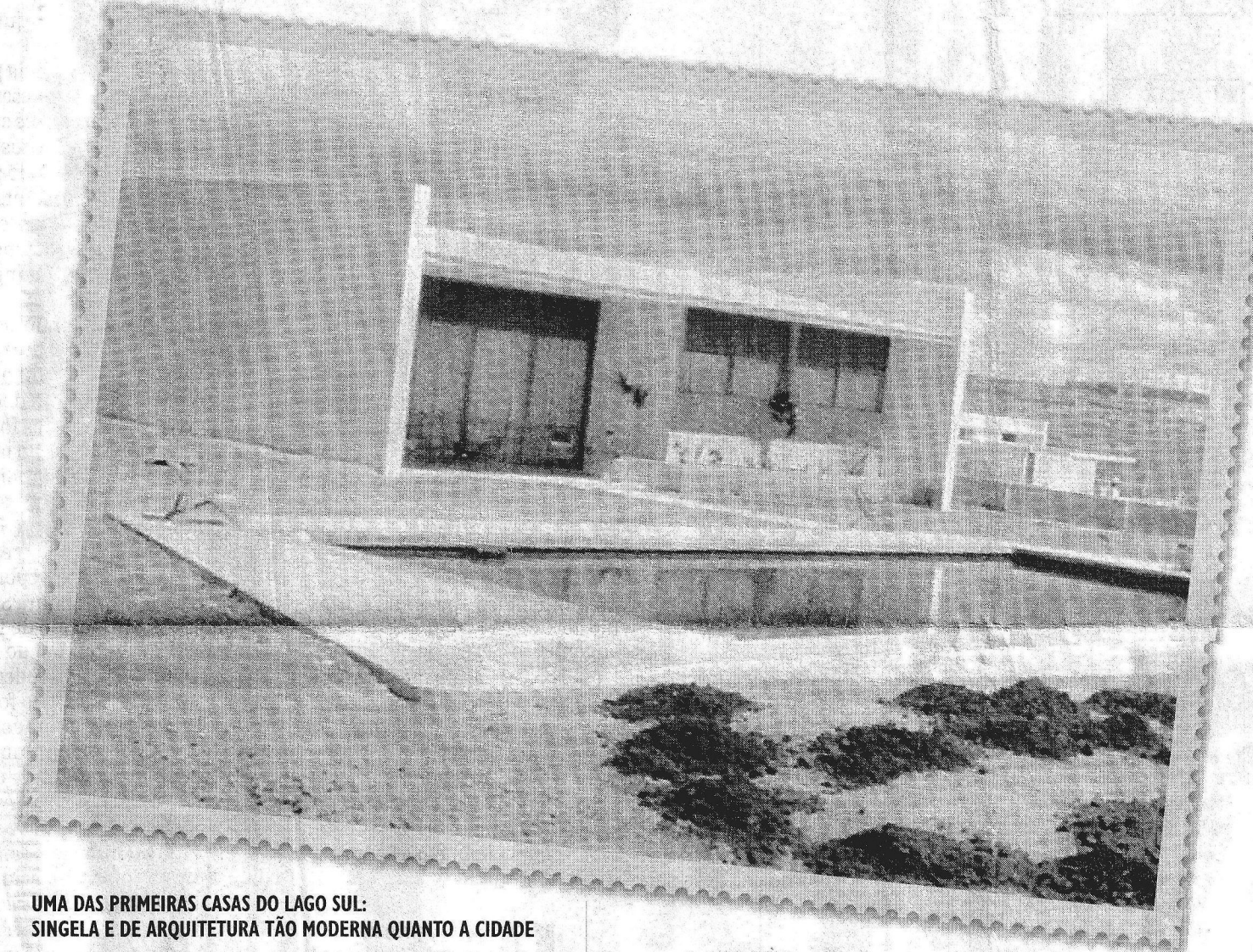
A coletânea de fotos passeia pelo cerrado ainda virgem, apresenta a Esplanada dos Ministérios surgindo do nada, JK, Oscar Niemeyer e Israel Pinheiro — até aí tudo parecido com o que já se viu tantas e tantas vezes. O melhor de Jesco é que ele é um fotógrafo-documentarista que flagrou os candangos tomando conta da cidade.

A foto de operários lambuzados de tinta branca, do pé à cabeça, ao lado de Israel Pinheiro e alguns outros engravatados, é um documento raro. "São poucas as fotos de operários, ainda mais ao lado das autoridades", atesta a arquivista do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha), Marta Célia Vale. "O acervo fotográfico da cidade não cobre o cotidiano", confirma Sandra Suelene de Torres, do Núcleo de Documentação Não-Textual do Arquivo Público do Distrito Federal.

Conhecedoras do acervo fotográfico sobre a história da construção de Brasília, Marta e Sandra surpreenderam-se ao folhear o livro *Brasília sob o olhar de Jesco*. "Infelizmente temos poucas fotos que retratem o aspecto social e cultural do crescimento da cidade nos primeiros tempos", lamenta Sandra Torres. Marta Vale agradece ao ver fotos do desfile da inauguração. "Já estava anoitecendo quando o desfile começou e naquela época eram poucos os equipamentos que conseguiam boas fotos nessa hora."

Jesco usava as máquinas fotográficas mais modernas daqueles tempos: uma Leica e uma Rolleiflex. "Eu mesmo revelava todos os filmes num laboratório de pau que eu tinha no fundo do meu quintal", contou o próprio Jesco, em depoimento de 1990 ao Programa de História Oral, do Arquivo Público.

Para a professora Maria Eugênia Brandão Nunes, coordenadora do Projeto Acervo do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, da UCG, o livro de Jesco é "uma narrativa visual que permite leituras interdisciplinares". Serve, diz Maria Eugênia, para historiadores, arquitetos, engenheiros — ou para quem quer matar saudade de um tempo que não viveu.



UMA DAS PRIMEIRAS CASAS DO LAGO SUL: SINGELA E DE ARQUITETURA TÃO MODERNA QUANTO A CIDADE



AS MULHERES-CANDANGAS VÃO ÀS COMPRAS EM MERCADINHO NA CIDADE LIVRE



UMA FAMÍLIA CHEGA A UMA QUADRA COMERCIAL DO PLANO PILOTO: O INÍCIO DA OCUPAÇÃO

DE NUREMBERG AO XINGU

A primeira guerra mundial empurrou o barão Puttkamer, pai de Jesco, para o Brasil em 1914. Oficial das tropas de ocupação na Namíbia, então colônia alemã, o barão pediu reforma do Exército e seguiu de volta a seu país. Pretendia procurar uma mulher para se casar e levá-la à fazenda que havia comprado na Namíbia. Mas a guerra o pegou em alto-mar, com os navios ingleses bloqueando a travessia do Oceano Atlântico. O navio teve de desembarcar forçosamente no Rio de Janeiro, porto neutro à época.



JESCO VON PUTTKAMER: UMA LEICA, UMA ROLLEIFLEX E UM LABORATÓRIO DE MADEIRA

No Brasil, o barão Puttkamer encontrou a parceira que procurava. Casou-se com uma brasileira, filha do cônsul da Suécia, e tiveram Jesco, o primeiro dos três filhos. Dos 9 aos 13 anos, o menino estudou na Suíça. De volta ao Brasil, morou no interior de Minas e no Rio de Janeiro. Mas a família Puttkamer teve de voltar à Alemanha porque o avô de Jesco não queria deixar nenhuma herança ao filho que havia casado com uma brasileira.

A segunda grande guerra pegou o Puttkamer na Alemanha, todos foram presos pela Gestapo, a polícia política nazista. Olavo, irmão de Jesco, nunca mais foi visto. Jesco foi obrigado a abrir trincheiras na cidade onde estava preso. Breslau. Lá, depois de ser atropelado e ter a perna fraturada, conseguiu fugir do hospital e, com a ajuda de norte-americanos, chegou a Nuremberg. Estava à procura dos pais e os encontrou, também fugidos de Breslau.

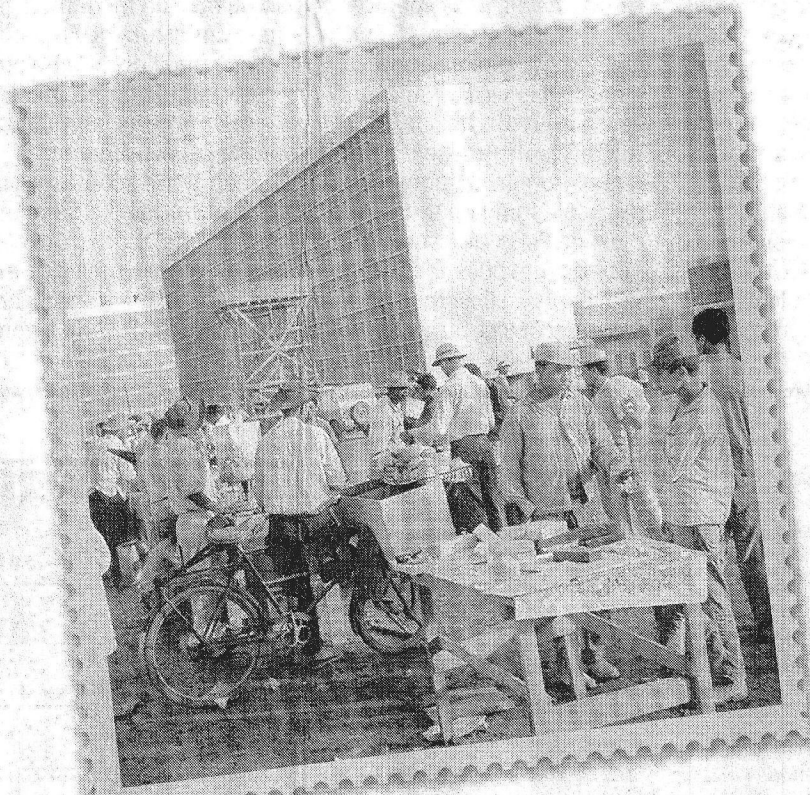
Com o fim da guerra, o bra-

sileiro apaixonado por fotografia documentou o Tribunal de Nuremberg, corte internacional de justiça que julgou nazistas criminosos de guerra. De volta ao Brasil, trabalhou com a família em plantações no Paraná. Depois, foi convidado a fazer parte do Departamento de Relações Públicas da Novacap (onde fez as fotos que compõem a coletânea). Em seguida, entregou-se definitivamente ao indigenismo. Acompanhou os sertanistas Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Boas nas frentes de contato com tribos desconhecidas e durante oito anos trabalhou no Parque Nacional do Xingu.

O resultado disso são 120 mil imagens sobre 61 sociedades indígenas, sobretudo da Amazônia e do Centro Oeste, e 200 diários de campos. Toda essa preciosidade está sob a responsabilidade e os cuidados do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Universidade Católica de Goiás. (Conceição Freitas)



MAIS DO QUE AS OBRAS EM CONSTRUÇÃO, JESCO FOTOGRAFOU GENTE QUE CHEGAVA



OPERÁRIOS NOS CANTEIROS DE OBRAS: RARO DOCUMENTO DA CONSTRUÇÃO



ISRAEL PINHEIRO (DE TERNO ESCURO) AO LADO DOS CANDANGOS: 18 HORAS POR DIA DE TRABALHO



OS PRIMEIROS MORADORES DA CIDADE PASSEAVAM PELO LAGO PARANÓ EM UM "FLUTUANTE"